

## **VIDA ATIVA, VIDA CONTEMPLATIVA E A SATURAÇÃO DA AÇÃO HOJE**

*ACTIVE LIFE, CONTEMPLATIVE LIFE AND THE SATURATION OF ACTION TODAY*

Enio Paulo Giachini<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo faz uma abordagem despretençiosa da atuação humana na atualidade, tentando analisá-la pelo antigo viés da contraposição vida ativa X vida contemplativa e através de um autor que está sendo muito estudado mundo a fora e também no Brasil, Byung-Chul Han. Suas abordagens da atividade e saturação da vida, dos sintomas de desarmonia em que nos encontramos e seu diálogo com grandes pensadores do Ocidente nos parece de grande importância e utilidade para pensarmos nossa atual situação.

Palavras-chave: Vida Ativa. Vida Contemplativa. Saturação. Interpelação Produtora. Sentido de Vida.

### **ABSTRACT**

This article takes an unpretentious approach to human activity today, trying to analyze it by the old bias of the counterpoint active life vs. contemplative life and by an author who is being studied a lot worldwide and also in Brazil, Byung-Chul Han. His approaches to the activity and saturation of life, the symptoms of disharmony in which we find ourselves, and his dialogue with great Western thinkers seem to us of great importance and usefulness in thinking about our present situation.

Keywords: Active Life. Contemplative Life. Saturation. Producing Interpellation. Sense of Life.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

## 1 COLOCAÇÃO DA QUESTÃO

Dentre inúmeros temas abordados pelas análises atualíssimas feitas Byung-Han Chun, destacam-se neste escrito a questão da positividade exacerbada de nossa atualidade, a exigência de transparência, o controle já internalizado pelo sujeito ou o autocontrole, excesso de informação e estímulos, falta de acolhida para o vazio e o ócio, a busca de eliminar do cotidiano toda negatividade, ou seja, o outro, o estranho, o opaco. Outros temas são deixados de lado, não pela falta de importância, mas para privilegiar esses que têm relação direta com nosso tema da saturação da ação. Essas “exigências” e imposições de nossa atualidade estão ganhando ares de normalidade, incrustadas como o mais óbvio e usual do nosso cotidiano. Todavia, do submundo de nossa realidade, começam a se manifestar cada vez mais fortes sinais de que alguma coisa não vai bem. Fenômenos como Burnout, TDAH, TPL (Transtorno de personalidade Limítrofe) etc. aumento do número de suicídios, violência etc. denunciam que nos porões de nossa atualidade estão em gestação possíveis grandes transformações.

A questão que se coloca já desde o início e que se busca desenvolver aqui é *como* e *se* é possível fazer frente a essa imposição de saturação de nossas forças e energias, visto que somos quase que forçados a acompanhar esse ritmo estridente do mundo atual. Como encontrar ou reencontrar sentido de vida na atividade saturada?

“Umbrais e passagens são zonas de mistério, de insegurança, de transformação, de morte, de medo... mas igualmente de desejo, de esperança e de expectativa” (Byung, 2012, p. 75).

## 2 SEM FRONTEIRAS (ELIMINAÇÃO DE LIMITES) OU A FALTA DE ORIENTAÇÃO

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam *rasas* e *planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação” (p. 10 S. t.)

A sociedade positiva, includente, panabrangente, anti-constrangedora, etc. não admite o sentimento negativo. Enquanto vai se tornando hegemônica, esse modo de compreensão se sustenta pela repetição propagandística. Martelando suas verdades fáceis vai impondo um reino de asfalto, pelo menos no imaginário. Na medida em que o ser humano individual, João, Maria, etc. vai começando a confrontar tacitamente esse imaginário com seu cotidiano árduo e repetitivo, começam a surgir incongruências em sua estrutura humana de fundo. A felicidade fácil não vem tão

fácil, precisa mais esforço, que no imaginário é cada vez mais demonizado. Começa a criar-se situações de distonia e desespero. A falta de sentido vai aparecendo em forma de enfermidades, vistas também essas e tratadas como sem direito de cidadania. Com isso, esquecemos como dar forma e sentido ao sofrimento e à dor. A saturação da positividade, que busca nos livrar a qualquer preço do negativo, são as nascentes do esgotamento, do cansaço e da depressão.

A busca por transparência firma e acelera o sistema, eliminando tudo quanto é outro e estranho. Vai instalando um reino de igualitação. Tudo se torna chapado e raso, ao res do fácil e fluido, sem solavancos e empecilhos. Ao nível da alma humana, essa tentativa se justifica como busca por desqualificar os nós e as cicatrizes. Cicatrizes, dores e superações não são naturais e já não tem o direito de existir num mundo instruído. São limites que não são bem-vindos.

Em nível global, a eliminação dos limites se fazem sentir em grandes movimentos propagandísticos que vendem a facilidade de um globalismo à mão; o mundo todo está a um clique do celular, do computador, de uma viagem. As informações estão acessíveis, as pessoas podem ser facilmente contatadas, a comunicação é instantânea, já possibilita não só contato de voz, mas também visual e instantâneo. E as perspectivas de avanço da ciência nessa direção são promissoras...

Nesse direcionamento, podem-se ver o avanço de inúmeros movimentos de fundo como o ecumenismo, a pan-identificação pessoal, familiar etc.

É nossa tarefa não cairmos numa análise igualmente rasa. Há seguramente nesse trend da história um caminhar de fundo rumo a uma nova reunificação universal em torno de um novo princípio. Esse novo princípio está à espreita de um kairós e de um contraponto de projeto de sentido, ou seja, uma correspondência humana.

### **3 SEM INTIMIDADE — A FALTA DE IDENTIDADE**

A falta de delimitações, ou definições nos coloca também frente à questão da perda do sentido para o caráter pessoal, reservado, íntimo. O espaço da interioridade é o elemento obscuro onde gera-se nova vida. Ali o fator decisivo não é o controle e o desempenho, mas a entrega e a confiança. Esse espaço está se perdendo, ou melhor, vai se entulhando e sendo menosprezado. A vigência buscada atualmente é controle e transparência, que são contrapontos aparentemente excludentes do arcano. O contraponto com que nos deparamos é a supervalorização da exposição, cria fenômenos como o facebook e as mídias. Ali, voluntariamente as pessoas

escancaram suas intimidades. O padrão de medida de justificação, o padrão de medida de autodefinição, se torna unilinear, unilateralmente voltado para fora. Já não pode haver espaço de intimidade. A impressão que fica é que o padrão de medida de valor já não está na profundidade da própria alma, mas na aprovação ou desaprovação de alguma instância externa, no *like* ou *deslike*.

“O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria, que está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério” (BYUNG, 2012, p. 32).

A transparência proclama seu imperativo: Tudo deve tornar-se imagem visível: *horror arcani!*

Nas mídias sociais todo usuário torna-se controlador e controlado, algo e vítima, voluntariamente expõe a si mesmo. Na análise de Byung a palavra apropriada para isso é “obscenidade”. A obscenidade perdeu seu caráter obsceno e ganha cidadania universal. Hoje, através de câmaras, satélites, observatórios há um controle planetário em tempo real. Todos controlando todos.

Essa instrumentação destrói a barreira da distância. Mas nem por isso cria proximidade. Só pode ser próximo aquilo que respeita o limite, a identidade. Afora isso a proximidade absoluta destrói qualquer comunicação e crescimento.

#### 4 SEM DESCANSO — A FALTA DE SENTIDO

A eliminação de barreiras se mostra também no mundo do trabalho e da produção. Como se consoma essa saturação de sentido no fazer? Pelo excesso de estímulos, informações, impulsos. O efeito da multitarefa (*multitasking*) e o gerenciamento do tempo, longe de ser um avanço orgânico, fragmentam e destroem a atenção.

“O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção” (BYUNG, 2015, p. 31).

O homem depressivo explora a si mesmo enquanto *animal laborans*. Ele o faz hoje deliberadamente, sem qualquer coação, como acontecia nos séculos passados. A necessidade de atividade, superprodução, superdesempenho já está internalizada no imaginário e no agir do homem atual. O sujeito de desempenho autoexplora a si mesmo. Sua coação não vem de fora; ele livremente se submete ao jogo de produção cada vez maior. Impõe isso a si e à natureza como se fosse uma lei implacável. Essa visão parda autoriza a eliminação da interrupção, da festa e do feriado.

Como um dos fatores da sociedade do cansaço Byung cita a ação imunológica, que funciona como ataque e defesa. O excesso de positividade, impede a negatividade do outro e do estranho, porque arrasa também o si-mesmo. Vão se embotando os contornos que delimitam um espaço do próprio, do próprio como pessoa, como comunidade, como credo, como nação. O globalismo vai igualitando tudo ao nível raso do turista; em nível pessoal, familiar, comunitário e de nação vige a lei do vale tudo. Não há necessidade de identidade própria; nada é definitivo e tudo é válido.

Essa eliminação de negatividade cria uma necessidade imperiosa por “resultados”, desempenho, produção, interpelação. Já não há tempo para perder com o ócio e a interrupção, o intervalo, a demora, a moratória.

“O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” (BYUNG, 2015, p. 71). A palavra “infarto” do latim *infartus*, do verbo *infarcio*, significa empanturamento, encher, entupir, saturar. Significa que esse excesso já não tem espaço de jogo para o movimento próprio de ir e vir, para o exercício do que lhe é próprio, para a fluência de seu empenho. O puro des-empenho anula o vigor do empenho, que é também ócio; o empenho é também e originalmente não-fazer, entrega e confiança. Se quiser o bom empenho está ligado com a fluência e a comunhão absoluta com aquilo que é seu motivo e motor. O empanturramento colapsa a ligação com sua negatividade, seu ponto cego de descanso.

“O homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo, e deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo” (BYUNG, 2012, p. 28). Ele é senhor e soberano de si mesmo. A autoexploração é muito mais eficiente que uma exploração pelo outro, pois “caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade”.

Cria-se uma sociedade do trabalho onde o próprio Senhor se transforma em escravo do trabalho. O típico desse modo de trabalho é que cada um vai se tornando cada vez em prisioneiro e vigia, em vítima e agressor ao mesmo tempo. “A lamúria do indivíduo depressivo de que ‘nada é possível’ só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*” (BYUNG, 2015, p. 29). A depressão entra pela porta aberta pela convicção de que o limite e o pouco não satisfaz.

A obviedade da necessidade de desempenho cria a convicção de uma perfeição artificiosa, uma perfeição formatada pela forja do impessoal, do “de todos e de ninguém”. Subcategorias dessa convicção são os ideais de perfeição a priori da

estética perfeita do corpo, o ideal do fitness, a busca pela juventude eterna, os sonhos turísticos, a ideia de que todo mundo pode tudo.

Essa ilusão tripudia do limite, do pequeno e parco, do escuro e ignorante. Todavia, todas as coisas que se nos manifestam, orgânicas ou não, tem essa pertença ao retraimento de si mesmas. Uma árvore tem uma raiz central que se perde para dentro do escuro da terra, lhe dá centralidade, concentração, foco. Uma pereira, *esta* pereira só pode produzir peras, e não maçãs e figos; não pode produzir todas as peras do mundo, nem todas deste pomar. Somente as suas. É a sanha e o sonho de infinitude que cega o olho para não ver que em cada maçã estão presentes todas as maçãs. Tanto as presentes, quanto as passadas e futuras. Mas não só. Nela está presente a terra e o ar, a água e o trabalho do fruticultor. Estão presentes as culturas humanas e a história; mesmo as mais calorosas preces e o desprezo humano não poderiam faltar.

O que o sujeito pode e deve desempenhar pode ser pouco, mas se a régua de medida da produção for o desempenho, o resultado só pode ser frustração e um processo de desencadeamento de colapso.

## 5 INTERPELAÇÃO PRODUTORA

Acostumamo-nos a analisar a questão crítica da técnica moderna através das análises de Heidegger e sua categoria da interpelação produtora. Seja em nível pessoal, social ou no trato com a natureza, a ciência tem nos ensinado a forçar a natureza à produção acelerada. Em toda parte impera a interpelação produtora, asseguradora e calculadora. Já chegaram os tempos em que a produção de energias se estendeu até a fabricação de elementos e materiais que nem ocorrem na própria natureza, afirma Heidegger. Pelo ocular da ciência e a mão da técnica vemos o rio apenas como reservatório de energia; a natureza como reservas, o ar, as plantas e tudo o mais como objetos à disposição para alguma utilidade sabida ou por saber.

Esse rol e rolo interpelativo inclui o fazer humano. Como lidar com a azáfama, a premência de desempenho, a agitação, e fazimento de hoje? O trabalho tem se tornado cada vez mais mera atividade produtora, sem qualquer relação com a totalidade de sentido da pessoa. A atividade é extenuante, não porque não haja “interrupção” mas

porque ela não promove elevação. A elevação ou êxtase se dá pelo movimento de superação e alcance de um sentido superior. Não é possível responder à hiperatividade por mera suspensão, mas só por superação.

Byung propõe aqui um “demorar-se contemplativo”. Esse demorar-se nos daria um longo fôlego, acesso ao lento. Pensadores como Nietzsche falam do repouso, como contraponto para a civilização da barbárie. Eckhart fala em procurar “o repouso em todas as coisas” (ECKHART, 2008, p. 158).

No ponto 4 de seu livro *Sociedade do cansaço*, Byung dialoga com Hannah Arendt. Segundo ela, “a vida ativa foi degradada de forma injusta na tradição a mera agitação, nec-otium ou a-scholia” (BYUNG, 2015, p. 39). Arendt estaria tentando restabelecer o primado da ação sobre a contemplação. Estamos às voltas, novamente, com a questão da vida ativa e vida contemplativa. A contemplação como convite a demorar-se junto ao nascedouro das coisas, do fazer e afazer e nada-fazer, o repousar em todas as coisas. Todavia, o que se precipita sobre nosso cotidiano como uma avalanche é essa pressão de nosso mundo por desempenho.

Segundo Arendt, a sociedade moderna do trabalho aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a *animal laborans*. A sociedade moderna então estaria num processo de aniquilação da individualidade e do ego. O homem estaria abdicando de sua individualidade para se tornar espécie animal, bando, manada. Byung se contrapõe a essa ideia afirmando que um sintoma de que isso não acontece são as disfunções modernas, que denunciam resistência a essa homogeneização e achatamento, como o TDAH, TPL SB, depressão etc. e sintomas de escape como busca pela saúde a qualquer preço, pela juventude incondicional, pela estética, pelo polimento.

Na análise dessa realidade Byung cita Nietzsche, afirmando que esse propõe a revitalização da *vita contemplativa*, o que cria condições para instaurar pausas de interrupção da linearidade do ativismo, da agitação, do desempenho, da interpelação produtora.

“Hoje vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios” (BYUNG, 2012, p. 53).

O autor propõe a redescoberta de forças (virtudes) como a ira, como contraponto à irritação; a angústia e o luto como contraponto ao estado depressivo mórbido;

o tédio e a angústia como espaços de criatividade. Segundo Byung, no *Humano, demasiadamente humano*, Nietzsche afirma que “A principal carência dos homens ativos é usualmente a falta de uma atividade superior... e nesse sentido eles são preguiçosos... Rolam os afazeres como rolam uma pedra, segundo a estupidéz da mecânica” (NIETZSCHE, in: BYUNG, 2015, p. 53).

Todavia, a citação do Nietzsche e sua obra não parece corroborar a simples contraposição da contemplação com a ação. Antes, ele fala de uma *atividade superior*, dos ativos. A preguiça é deter-se na atividade pela atividade. Sair da preguiça, trabalhar no real e fecundo sentido da palavra, portanto significa para Nietzsche ser ativo em vista de uma atividade superior.

Algo assim como a superação e elevação do atuar pode ser visto no trabalho que parte e retorna ao repouso de um chamado ou de um achado. Vocação é achado (*Findung*). Rombach usa o termo *caminho*, aqui, para indicar o processo desse trabalho.

Caminho é caminho próprio. Assim, não é por acaso nem incidentalmente que propriedade (*Eigenheit*) pertence à estrutura. *Propriedade* é um traço ontológico fundamental. Propriedade independe de repetições, significa *autenticidade*, imediatividade para consigo mesmo. A estrutura não adotou mas encontrou sua constelação. Propriedade é *achado* (*Findung*). Achado não é nem o “dado de antemão” nem o que alguém “mesmo colocou”. Achado é uma categoria estrutural; a estrutura só logra dar-se onde se logra dar-se como achado (ROMBACH, 1971, p. 90)<sup>2</sup>.

O trabalho que se pauta nesse achado, que não é por acaso, nem forjado pela arbitrariedade, busca sempre elevação e superação. O agir então trilha um caminho de atividade superior. O que gera descanso, o que cria o vazio do ócio é o êxtase da superação.

---

<sup>2</sup> “Weg ist Eigenweg. So gehört zur Struktur, nicht zufällig und nicht gelegentlich, Eigenheit. *Eigenheit* ist ein ontoogischer Grundzug. Eigenheit ist unabhängig von Wiederholungen, besagt *Authentizität*, Unmittelbarkeit zu sich selbst. Die Struktur hat ihre Konstellation nicht übernommen, sondern gefunden. Eigenheit ist *Findung*. Findung ist weder das ‘Vorgegebene’ noch das ‘Selbstgesetzte’. Findung ist eine Strukturkategorie; die Struktur elingt nur dort, wo sie als Fundung gelingt” (ROMBACH, 1971, p. 90). Tradução nossa.

## 6 MARTA E MARIA, PROTÓTIPOS DE AÇÃO E CONTEMPLAÇÃO

Nos sermões alemães, Mestre Eckhart proferiu dois sermões voltados à relação entre ação e contemplação, caricaturados pela tradição nas tipologias de Marta e Maria. São os sermões 2 e 86. Também Eckhart parece ir além dessa simples contraposição e complemento entre ação/contemplação.

Usualmente na história da Igreja e sua espiritualidade, costuma-se priorizar a atitude de Maria à de Marta, pautando-se nas palavras do Mestre: “Maria escolheu a melhor parte” (Lc 10,42). A contemplação seria assim melhor e o ápice da ação.

Eckhart inverte a ordem dessas duas tipologias humanas. Ele diz que há 3 razões para Maria demorar-se junto aos pés de Jesus, em contemplação. A primeira era que sua alma estava tomada pela bondade de Deus. A segunda era um desejo indizível: ela ansiava e não sabia por que, queria e não sabia o quê. O terceiro era um doce consolo e um contentamento que ela hauria das palavras eternas... Maria estava tomada de prazer por toda sua satisfação de alma (ECKHART, 2008).

Essas razões são melhor explicadas no sermão 2, onde compara Maria com a virgem e marta com uma virgem que era mulher. A primeira estava tomada pelo desejo fontal de busca de plenitude, embevecimento enamorado por algo, sem saber exatamente o que. A virgem significa essa fonte ardorosa e disponível que ainda não encontrou definição, que ainda não tem experiência e ainda não se tornou fecunda. Marta, livre e desprendida, é a contemplação do embevecimento ainda por definir e precisando de sazonalidade.

Marta, ao contrário, era mulher. Segundo Eckhart, traz muitos frutos e grande, nem mais nem menos do que é o próprio Deus.... é esse nascimento que a virgem-mulher “traz à obra, todos os dias, cem vezes, mil vezes, sim, vezes sem fim, parindo, frutificando, do fundo do mais nobre abismo” (ECKHART, 2009, p. 48).

Marta, o protótipo da ação, tem igualmente três características: tem uma idade magnífica sazonal e um assentar-se bem exercitado no que é o mais próximo. Por isso, parecia-lhe que ninguém seria capaz de realizar tão bem a obra quanto ela. A segunda era uma sábia ponderação, que sabia coordenar retamente a obra exterior para dentro do mais próximo que o amor ordenasse. A terceira era a suma dignidade do hóspede querido. Marta é a atividade superior. A discricção do trabalho elementar, que parte do necessário e se atém na frugalidade do necessário. Todavia essa vida

relativamente discreta para o exterior guarda uma afinação com a vida da alma interior, já crescida e sazoadada.

No sermão 103, Eckhart compara essa experiência que gera maturidade e uma atividade serena e fecunda, com o ser apanhado num laço, o laço do amor, ou o anzol do amor, comentando o Cântico dos Cânticos.

Quem foi apanhado nesse laço e caminha nesse caminho, seja qual obra ele opere ou deixe de operar, é todo e inteiramente Um; que faça algo ou deixe de fazê-lo, isso absolutamente não importa. No entanto, a mínima obra ou o mínimo exercício desse homem é mais útil e fecundo a ele mesmo e a todos os homens, sendo mais louvável a Deus, do que todos os exercícios de todos os homens que se encontram em menor grau de amor— mesmo que livres de pecado mortal. Seu repouso é mais útil do que qualquer outra atuação. Por isso permanece apenas nesse anzol e então serás capturado no vigor da bem-aventurança e quanto mais capturado tanto mais livre (ECKHART, 2008, p. 213).

“Frutificar a dádiva é a única gratidão para com a dádiva” (ECKHART, 2009, p. 47).

Como conclusão, segue-se um conto tirado do livro *A via de Chuang Tzu*, chamado *Destrinchando um boi*.

O cozinheiro do Príncipe Wei Hui estava destrinchando um boi. Lá se foi uma pata, pronto, um quarto dianteiro, ele apertou com um dos joelhos, o boi se partiu em pedaços. Com um sussurro, a machadinha murmurou como um vento suave. Ritmo! Tempo! Como uma dança sagrada, como a floresta de arbustos. Como antigas harmonias!

— Bom trabalho! Exclamou o Príncipe - Seu método é sem falhas!

— Método? Disse-lhe o cozinheiro afastando-se da machadinha

— O que sigo é o Tao, acima de todos os métodos! Quando primeiro comecei a destrinchar bois via diante de mim o boi inteiro tudo num único bloco. Depois de três anos nunca mais vi este bloco via as distinções. Mas agora, nada vejo com os olhos. Todo meu ser apreende.

Meus sentidos são preguiçosos. O espírito livre para operar sem planos segue seu próprio instinto guiado pela linha natural, pela secreta abertura, pelo espaço oculto, minha machadinha descobre seu caminho. Não corto nenhuma articulação, não esfarelo nenhum osso.

Todo bom cozinheiro precisa de um facão, uma vez por ano

— ele corta. Todo cozinheiro medíocre precisa de um cada mês — ele esotraalha!

Eu uso a mesma machadinha a dezenove anos. Cortou mil bois. Sua lâmina é tão fina como se fosse afiada a pouco. Não há espaço nas articulações; A lâmina é fina e afiada: Quando sua espessura encontra aquele espaço lá você encontrará todo o espaço de que precisava! Ela corta como uma brisa! Por isso tenho essa machadinha a dezenove anos como se fora afiada a pouco!

Realmente, há, às vezes, duras articulações. Vejo-as aparecendo vou devagar, olho de perto, seguro a machadinha atrás, quase não movo a lâmina, e, vapt! A parte cai como um pedaço de terra. Então retiro a lâmina, fico de pé, imóvel, e deixo que a alegria do trabalho me penetre. Limpo a lâmina e ponho-a de lado.

Disse o Príncipe a Wan Hui:

— É isso mesmo! Meu cozinheiro ensinou-me como devo viver a minha própria vida! (MERTON, 1984, p. 62-64).

## REFERÊNCIAS

- BYUNG-CHUL HAN. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BYUNG-CHUL HAN. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BYUNG-CHUL HAN. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ECKHART, M. **Sermões alemães**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.
- ECKHART, M. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2.
- MERTON, T. **A via de Chuang Tzu**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ROMBACH, H. **Srukturontologie**: Eine Phänomenologie der Freiheit. München: Verlag Karl Alber Freiburg, 1971.